

ÍNDIA AUMENTARÁ PRODUÇÃO DE PETRÓLEO RUSSO NO PROJETO SACALINA-1

Por M.K. Bhadrakumar*



Plataforma Berkut no campo Arkutun-Dagi do projeto Sacalina-1 (Exxon Mobil/Exxon Neftegaz).

Vladimir Putin se livrou de 260 acordos de partilha de produção de petróleo da era Yeltsin, a maioria com empresas americanas; assim, não surpreende que o governo Biden o queira fora do poder em Moscou.

Depois do Sacalina-2, Moscou também planeja nacionalizar o projeto de desenvolvimento de petróleo e gás Sacalina-1, expulsando os acionistas americanos e japoneses. Mas Moscou abrirá uma exceção para a Índia para que a OVL, que detém 20% de participação, permaneça e continue trabalhando. O boato em Moscou é que, embora a Rosneft continue a deter o controle acionário, mais empresas indianas podem ser empossadas para substituir os EUA e o Japão e, assim, também garantir um mercado de vendas na Índia.

O Sacalina-1 está localizado na costa da Ilha Sacalina, no extremo oriente russo. Compreende três campos offshore – Chayvo, Odoptu e Arkutun-Dagi. Até recentemente, o projeto Sacalina-1 era operado por uma subsidiária russa da gigante americana ExxonMobil conhecida como Exxon Neftegaz, que detém 30% das ações. Além disso, 20% são de propriedade do estado russo, 30% da empresa japonesa Sodeco e 20% da indiana ONGC Videsh. Enquanto o Sacalina-2 é especializado na exportação de gás natural liquefeito, o Sacalina-1 está na exportação de petróleo Sokol (um tipo de petróleo bruto produzido pela Rússia).

A capacidade do Sacalina-1 é bastante impressionante. Houve um tempo antes da OPEP+ estabelecer limites no nível de produção, quando a Rússia extraiu até 400.000 barris por dia, mas o nível de produção recente foi de cerca de 220.000 barris por dia. A saída abrupta dos americanos após as sanções dos EUA contra a Rússia fez com que a produção caísse para apenas 10.000 barris. Os russos esperam que, com a substituição por mais empresas indianas, o nível de produção possa ser restaurado ao nível anterior. De fato, a esperança é que a ONGC Videsh indiana aumente o nível de produção do projeto Sacalina-1 de forma relativamente rápida, trazendo tecnologias próprias.

A tendência geral de nacionalizar as participações do capital americano, britânico, japonês e europeu nos setores estratégicos da economia da Rússia está se cristalizando como a nova política – a versão russa da *AatmaNirbhar Bharat* da Índia (campanha “Índia autossuficiente”). O processo de limpeza da economia russa, libertada do capital ocidental, deverá acelerar no próximo período. A Índia tem oportunidades perfeitas aqui para fazer investimentos e colher lucros inesperados. Em termos estratégicos, a segurança energética da Índia também será garantida nas próximas décadas.

Moscou estava bem ciente do caráter predatório do capital ocidental no setor de petróleo da Rússia – um legado da era Boris Yeltsin – mas teve que conviver com a exploração, pois não queria antagonizar outros potenciais investidores ocidentais. Mas isso agora é história. O azedamento das relações com o Ocidente até quase o ponto de ruptura livra Moscou dessas inibições arcaicas.

De fato, a nova política para substituir o capital ocidental dos altos comandos da economia russa não está isenta de riscos, mas Moscou está confiante de que está no caminho certo e deve fazer o que for preciso. Além disso, a diminuição da produção no Sacalina-1, a menos que seja tratada em breve, pode afetar negativamente as próprias características dos campos de petróleo no Extremo Oriente russo, se o fator de recuperação de petróleo diminuir ao longo do tempo e muito petróleo permanecer nos reservatórios.

O desenvolvimento dos campos dependia de equipamentos e tecnologias ocidentais. Agora a Rússia perdeu ambos. Por outro lado, a saída dos americanos deixará a Rússia sem um caminho fácil a não ser possuir suas próprias tecnologias.

No geral, no entanto, os americanos também podem perder muito, pois os acordos de compartilhamento de produção que remontam à era de Yeltsin foram forçados para fora do governo russo quando este passava por dificuldades econômicas durante a transição do período soviético e não estava em posição de negociar acordos ideais. Parando para pensar, algo como 262 dos chamados acordos de partilha de produção (PSA, *Production Sharing Agreements*) foram expelidos do governo russo por companhias petrolíferas ocidentais quando Yeltsin se aposentou.

Depois de chegar ao poder em 1999, o presidente Vladimir Putin iniciou a gigantesca tarefa de limpar o mar Egeu da colaboração estrangeira da Rússia no setor de petróleo. O processo de “descolonização” foi terrivelmente difícil, mas Putin conseguiu e se livrou de até 260 (de 262) PSA. Na verdade, Sacalina-1 e

Sacalina-2 são os últimos dois PSA restantes que remontam à década de humilhação da Rússia pós-soviética sob Yeltsin.

Alguma surpresa por que o governo Biden odeia tanto Putin e o quer fora do poder em Moscou?

Reza a lenda que quando o secretário do Partido Comunista Soviético, Nikita Khrushchev, fez sua pioneira visita à Índia em 1955, o então primeiro-ministro Nehru, entre outros “pontos de discussão”, referiu-se ao grande reservatório de expertise da União Soviética no setor petrolífero, ao reclamar que o Ocidente recusou ajuda para qualquer coisa no setor estatal da Índia.

O folclore diz que Khrushchev reagiu instintivamente em termos positivos ao pedido de ajuda de Nehru e, assim que voltou a Moscou, enviou um famoso especialista/geólogo soviético à Índia para prospectar petróleo – cuja fama era tal que ele aparentemente podia sentir o cheiro de petróleo inexplorado nas profundezas da terra! Assim nasceu a ONGC em 1956, que agora se dirige para a Ilha de Sacalina em uma missão semelhante!

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M.K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
